

Coordenadores convidados:

Alexandra Lopes (Universidade Católica Portuguesa, FCH e CECC-UCP)

Jerónimo Pizarro (Universidad de los Andes, Cátedra de Estudos
Portugueses Fernando Pessoa)

Coordenadora residente:

Ana Salgueiro (UMa-CIERL, CECC-UCP)

Nothing is translatable [...] Everything is translatable

Emily Apter (2006), "Twenty theses on translation", *The Translation Zone*, pp. xi-xii

Aprender a hablar es aprender a traducir; cuando el niño pregunta a su madre por el significado de esta o aquella palabra, lo que realmente le pide es que traduzca a su lenguaje el término desconocido. La traducción dentro de una lengua no es, en este sentido, esencialmente distinta a la traducción entre dos lenguas, y la historia de todos los pueblos repite la experiencia infantil [...]. El asombro, la cólera, el horror o la divertida perplejidad que sentimos ante los sonidos de una lengua que ignoramos, no tarda en transformarse en una duda sobre la que hablamos [...]. Cada texto es único y, simultáneamente, es la traducción de otro texto [...]. Pero [...] todos los textos son originales porque cada traducción es distinta. Cada traducción es, hasta cierto punto, una invención y así constituye un texto único

Octavio Paz (2009 [1970]), "Traducción: literatura y literalidad", pp. 8-14

Em 2009, no seu "A mobility studies manifesto", Stephen Greenblatt assumia que a mobilidade é uma dinâmica decisiva na construção das culturas, não ignorando que a transferência cultural e os cruzamentos daí emergentes são condicionados por assimetrias de poder nem sempre evidentes, mas potenciadoras do risco de conflitos, de hegemonias e de exclusões. Essa mobilidade terá sido, desde sempre, o verdadeiro motor da construção cultural, mesmo quando nos reportamos a sistemas culturais conservadores ou mais insulados, que se definem por uma maior fixidez dos seus valores e circunstâncias; fixidez não raras vezes confundida com a falácia da pureza étnica e da fidelidade a uma cultura original. Porém, no mesmo manifesto, Greenblatt interrogava o proclamado triunfo do cosmopolitismo e as teorias que conceberam o contemporâneo como um campo inovadoramente fértil em hibridismos, chamando a atenção para o logro epistemológico e o risco político que a aceitação acrítica destas "verdades" poderia constituir. Neste sentido, afirmava: "Cultures are almost always apprehended not as mobile or global or even mixed,

but as local [...] strikingly enmeshed in particular times and places and local cultures [...]. Indeed one of the characteristic powers of a culture is its ability to hide the mobility that is its enabling condition [...]. A study of cultural mobility that ignores the allure (and, on occasion, the entrapment) of the firmly rooted simply misses the point. Theory and descriptive practice have to apprehend how quickly such a sense of the local is often established and also how much resistance to change the local, even when it is of relatively recent and mixed origin, can mount" (GREENBLAT, 2009: 252-253).

Polêmicas e merecedoras de debate (como, de resto, se espera de um manifesto), as palavras de Greenblatt, contudo, têm a virtude de nos levar a pensar os sistemas culturais (e em particular os contemporâneos) como lugares de permanente tensão e negociação entre, por um lado, mobilidade, transformação e (r)evolução (LOPES e MONIZ, 2022: 7); e, por outro, resistência à diferença e ao novo, apostando na fixação de fronteiras geopolíticas, históricas, linguísticas ou até disciplinares e conceptuais. O desafio lançado por Greenblatt acompanha, assim, o "translational turn" verificado nos Estudos de Cultura a partir das últimas décadas do século XX, propondo um entendimento das constelações culturais como *zonas de tradução*, ou (citando Emily Apter), como "sites that are 'in-translation'": lugares onde se situam "the epistemological interstices of politics, poetics, logic, cybernetics, linguistics, genetics, media, and environment" (APTER, 2006: 6).

Como nota Doris Bachmann-Medick, este "translational turn" no estudo das culturas acompanhou o "cultural turn" operado na área dos Estudos de Tradução, cujo objeto de estudo foi sendo gradualmente alargado, assumindo não raras vezes significações metafóricas (BACHMANN-MEDICK, 2016:175-176). Num tempo pós-moderno, pós-colonial e globalizado, onde as fronteiras se tornaram mais porosas, as relações de poder se complexificaram e as hierarquias perderam a rigidez que haviam mantido durante largos séculos, o conceito de tradução libertou-se do paradigma linguístico-textual e de categorias e questões que ocuparam o seu estudo ao longo de séculos (original, equivalência, fidelidade...). Embora não esquecendo estas questões e os muitos desafios linguísticos, textuais e representacionais colocados no processo de transferência de um texto de uma língua de partida para outra língua de chegada, num gesto que é sempre de apropriação recreativa (ora mais domesticadora, ora mais estrangeirizante), os Estudos de Tradução, adotando este novo conceito alargado de tradução, passaram também a ocupar-se de outros processos de trânsito, transferência, transformação, apropriação e/ou resistência recontextualizadoras operados (de forma nem sempre visível) em domínios não apenas verbais e literários, como os das práticas antropológicas e sociais, dos discursos não verbais, dos modelos estéticos, das metodologias, dos conceitos e valores, das diferentes áreas disciplinares do conhecimento.

Reconhecendo-se a complexidade, a transversalidade e a relevância que a mobilidade cultural e, conseqüentemente, os processos tradutórios hoje assumem, a tradução passou, assim, a constituir uma categoria de análise imprescindível não só para o estudo e a compreensão da relação entre textos e línguas, mas também, de forma mais alargada, para o estudo e a compreensão dos próprios sistemas ecossocioculturais e académicos, quer no que diz respeito à tessitura das suas identidades e à (in)definição das suas fronteiras, quer no que diz respeito às dinâmicas de poder que sempre lhes subjazem.

Assim sendo, enquanto revista que se ocupa do estudo, da análise crítica e da divulgação de fenómenos culturais contemporâneos locais e urbanos, a TRANSLOCAL elege a tradução como tema de capa do seu n.º 5, convidando investigadores/as, tradutores/as, artistas e outros/as agentes culturais a repensar, a promover e a desocultar os fenómenos tradutórios estruturantes dos atuais sistemas culturais: os do Funchal e da ilha da Madeira, onde a revista é editada; mas também os de outras geografias, nomeadamente os da América Latina (e em particular os da Colômbia, desde logo por mediação de um conjunto de autores e tradutores de poesia cujos trabalhos serão publicados neste n.º5), onde a tradução desde muito cedo foi assumida como condição política, quer na redefinição identitária, quer na relação com outros e diversos mundos (BALDERSTON e SCHWARTZ, 2018: xxviii-xxix).

Acolher-se-ão com interesse propostas de **ensaios escritos e artigos** (entre 2500 e 5000 palavras), **ensaios visuais** (até 5 imagens + texto complementar, entre 500 e 1000 palavras), e **recensões críticas** (entre 1000/2000 palavras), que, ocupando-se de questões associadas aos fenómenos de tradução (aqui entendidos em sentido lato), abordem (não exclusivamente) tópicos como:

- a (não) tradução como política: nacionalismos, cosmopolitismos e translocalidades;
- a tradução como poética na literatura e/ou em outras artes;
- economia e pragmática da tradução;
- Estudos de Tradução: estado da arte e/ou novas perspectivas;
- História da tradução;
- (po)éticas de tradução: desafios, potencialidades e riscos recreativos e interculturais;
- projetos de tradução (projetos editoriais, coleções, manifestos, etc.): casos de estudo;
- tradutores/as e outros/as agentes de tradução: invisibilidades e desocultação;
- práticas emergentes de tradução no mundo digital.

As propostas para publicação serão avaliadas de acordo com os critérios internacionais de dupla avaliação cega por pares, e serão aceites trabalhos em **português**, em **inglês** e em **espanhol**, que contribuam para a reflexão em torno do tema e das problemáticas da tradução e que respeitem as **normas de edição** adotadas pela revista e [aqui](#) disponibilizadas. Os textos redigidos em português poderão seguir ou não a norma do Acordo Ortográfico de 1990, devendo o/a autor/a declarar a opção seguida, em nota.

As propostas (texto completo e eventuais imagens) deverão ser enviadas até **30 de junho de 2023**, para a coordenação da revista (translocal.revista@mail.uma.pt), incluindo também os seguintes elementos:

- um **resumo** da proposta de texto submetida (até 200 palavras), **em duas línguas**, sendo uma delas a língua utilizada no texto: português e inglês, para textos escritos em português; espanhol e inglês, para textos escritos em espanhol; ou inglês e português, para textos escritos em inglês

- **nome do(s) autor(es)** e uma breve **nota curricular** (até 100 palavras).

Até **31 de julho de 2023**, a coordenação da revista informará os autores das propostas que forem aceites e, após a conclusão do processo de revisões finais e paginação, a revista será publicada no último trimestre de 2023.

Referências bibliográficas:

APTER, Emily (2006), *The Translation Zone. A New Comparative Literature*, Princeton: Princeton University Press.

BACHMANN-MEDICK, Doris (2016), *Cultural Turns. New orientations in the study of culture*, translation by Adam Blauhut, Berlin/Boston: De Gruyter.

BALDERSTON, Daniel y Marcy E. SCHWARTZ, comp. (2018), *Voces en off. Traducción y literatura latinoamericana*, trad. María del Mar Ravassa y María Candelaria Posada, Bogotá: Ediciones Uniandes

BARRENTO, João (2002), *O Poço de Babel. Para uma poética da tradução literária*, Lisboa: Relógio D'Água.

FARIA, Dominique, Marta PACHECO and Joana MOURA, eds. (2022), *Reframing Translators, Translators as Reframers*, New York & London: Routledge.

GREENBLATT, Stephen (2009), "A mobility studies manifesto", *Cultural Mobility: a Manifesto*, eds. S. Greenblatt *et alii*, Cambridge, New York, Melbourne, Madrid, Cape Town, Singapore, São Paulo, Delhi: Cambridge University Press, pp. 250-253.

LOPES, Alexandra e Maria Lin MONIZ, coord. (2022), *Mudam-se os tempos, mudam-se as traduções? Reflexões sobre os vínculos entre (r)evolução e tradução*, Lisboa: Universidade Católica Editora.

PAZ, Octavio (2009), *Tradução: literatura e literalidade*, ed.bilíngue, trad. Doralice Alves de Queiroz, Belo Horizonte: FALE/UFMG.